

MULHER A ESPERA DO TREM AO ENTARDECER

* Constance Pierce

** Tradução: Sérgio Alves Peixoto

É quase noite numa tarde perfeitamente normal. Do outro lado do campo pedregoso, além das serralhas bravas e do rendilhado das cenouras selvagens, as muitas casas e umas poucas construções maiores da cidade solidificaram-se em um aglomerado de quadrados e triângulos contra um céu de lavanda. Aqui e ali, um poste telefônico se eleva em cruz, aqui e ali, uma parábola de olmos ou bordos, e o campanário de uma igreja espeta a tarde como a ponta de um lápis muito bem apontado. Em primeiro plano, a estação de trem continua deserta atrás da plataforma de concreto onde, lá no fim, exatamente antes de desaparecer em meio aos entulhos de papéis, latas e cascalho, uma mulher senta-se sozinha em um banco de ripas verdes.

A mulher ajeitou uma bolsa grande no colo e um antiquado baú de vime a seus pés. Está de perfil: um pequeno nariz reto e um queixo redondo alteia-se levemente contra a luz, uma postura imóvel e ereta. O vestido de seda malva de gola alta e mangas compridas chega-lhe aos pés que, perfeitamente cruzados em seus antiquados sapatos, estão aconchegados sob o banco. Por sobre o vestido, um casaco escuro até a cintura.

* CONSTANCE PIERCE

Escritora americana, foi vencedora, em 1985, do Fiction Collective Award, da Illinois State University, com seu livro de contos *When things get back to normal*, publicado pela mesma Universidade.

** SERGIO Alves Peixoto é professor de Literatura Brasileira da Fale/UFMG. Publicou em 1991, um livro de poemas intitulado *Esfinge fácil*.

Há luz o bastante para se ver que os cabelos, enrolados atrás em um coque preso junto ao pescoço, são castanhos e que os olhos são escuros e estão parados, fixos no ar acima dos trilhos do trem à sua frente, quase como se ela fosse um manequim. Mas a pele do rosto, embora lembre o azulado da porcelana, é bastante real. E porque a luz diminui mais e mais, muito tem de ser imaginado: o traçado das veias nas faces, os vincos na curva do lábio inferior, a pequena mancha violácea que fende o espaço embaixo dele. Não, ela é bem real, mas tem um Outro ar especialmente encantador, eis a conclusão.

Por entre os cabelos (é aí que você penetra): você pensa poder ver uma orelha nacarada como concha em espiral em torno da abertura de um longo túnel negro que parece se aprofundar mais e mais, engolindo a estação, a cidade e até mesmo o céu lá longe. Dentro desse túnel, uma luz difusa se espalha lentamente em sépia, revelando um quarto com papel de parede florido e mobília de pesado entalhe da mais indulgência fase do século passado. A cama de cabeceira alta, em um turbilhão de rosas de ébano, emerge de uma maça confusa de lençóis travesseiros e, ao lado, a mulher, vestida em fina camisola, parece estar negando alguma coisa. As mãos levantadas à frente, os dedos encurvados de um modo nada gracioso como se repelisse alguém ou alguma coisa, e os cabelos, desatados do coque, movimentam-se em frenéticas ondas libertas em volta dos ombros. O rosto parece ter endurecido como em defesa, os olhos semi-cerrados, as faces contraídas e contorcidas. Os lábios se movem, mas não há som.

De repente, um homem espadaúdo entra em cena pela lateral, de costas para você. Veste uma espécie de uniforme, mas muito antiquado, com dragonas de pesadas franjas. Você não consegue ver-lhe o rosto, mas a postura rígida lhe diz que ele está com raiva. Ele agiganta-se a seus olhos e, mais adiante, a mulher, ainda protestando, recuou apoiando-se nas rosas de madeira da cama. Parece muito pequena, comprimida entre a corpulência do homem e a volumosa mobília. Os olhos estão ainda aterrorizados, mas você vislumbra neles um laivo de resig-

nação. Quando o homem se move em direção a ela, por um momento você quer avançar e identificar-se, lutar com esse bruto, aproveitar a oportunidade. Mas, o espaço por cima desse ombro mostra você se esgueirando por uma porta lateral, fugindo pelo jardim (seu covarde!), desatando a correr ao atravessar a rua.

Enquanto você esteve ocupado, o trem chegou em silêncio, uma série de janelas escuras segmentadas por tiras de aço, algo como um pedaço de filme. Virando-se para olhá-lo mais de perto, você fica fascinado por essas enormes molduras e pelas impressões que elas provocam em presença da pouca luz difusa que ainda resta. Esquecendo-se da mulher, você observa, acompanhando com o olhar, a longa cauda segmentada enquanto o trem submerge outra vez na escuridão, apenas vagamente consciente do ruído surdo de portas metálicas que se abrem e fecham perto de você. As janelas, então, começam a passar e você se volta outra vez para olhar o trem desaparecer numa curva à direita da cidade, encolhendo e tornando-se cada vez menor, até não passar de um simples ponto na imensidão da planície.

De volta à plataforma, a mulher desaparecera. Você sente um brando e incômodo desapontamento, embora não saiba ao certo o porquê disso e, já que o desapontamento é muito brando, você não se sente inclinado a investigar-lhe a origem. O verde do banco desaparecera na escuridão e, quando você se curva para amarrar os sapatos, você olha por entre as ripas e vê, no último farrapo de luz, a cidadezinha além do campo, uma sólida geometria de encontro à noite.